

A TROCA

Os apresentadores descerebrados de programas escandalosos e ultrarreacionários na TV são pródigos em noticiar com o alarmismo as trocas de bebês em maternidades, que acontecem sempre, gerando mais histórias que ajudam a vender o lixo que apresentam, principalmente quando as crianças são encontradas ou localizadas.

Mas pelo visto, embora recorrente a falha, a coisa está se tornando pior, esparramando como aquela bolha assassina dos filmes de terror dos anos 50, que assisti apavorado no velho cine Odeon de Franca. Estrelado por Steve McQueen em 1958, “The blob” virou cult e ganhou um remake em 1988, mas continuou sendo trash, símbolo do cinema-lixo da época que chegou a ser engraçado como o voto favorável ao prefeito dado por vereadores tucanos ditos de oposição na Câmara da velha Franca em recente votação, pois não entenderam que havia tido uma inversão de pauta.

Mas como dizia, a coisa se esparramou. Recentemente aqui na região, por uma falha, funerárias acabaram trocando os dois corpos que seriam enterrados em cidades diferentes e o erro só foi notado pelas famílias quando as cerimônias de sepultamento haviam iniciado. Os familiares perceberam imediatamente o problema assim que o caixão foi aberto, pois a pessoa a ser enterrada não era da família. Foi uma sequência inacreditável de erros envolvendo tanto a unidade de saúde onde as pessoas faleceram quanto os funcionários responsáveis do hospital e das funerárias por fazer a retirada dos corpos que acabou gerando o problema, ocasionando sofrimento adicional e transtornos às famílias envolvidas e que certamente vai gerar um belo processo contra os que erraram. Nestas alturas, já deve ter alguma “autoridade” ávida por holofotes dando entrevistas sobre o assunto.

O erro fez virar uma correria para evitar que a outra pessoa trocada fosse enterrada noutra lugar, um transtorno que atingiu as manchetes dos telejornais do nordeste do Tucanistão. Mas não parou por aí. No mesmo dia em que esta confusão acontecia, uma pessoa da minha família foi numa ambulância fazer um tratamento complexo de saúde. Terminado o tratamento no período da tarde, uma ambulância a levou de volta para casa. Ao anoitecer, um telefonema da empresa de transporte hospitalar pergunta pela paciente e qual o motivo de não ter sido chamada para fazer o transporte de volta para casa. Espantada, ela disse que havia sido trazida de volta por uma ambulância, já estava repousando em casa há horas. Só aí que a funcionária da empresa percebeu que uma ambulância de empresa concorrente havia, por engano, a levado para casa.

Ela comentou comigo, ao saber das trocas, “deve ter alguém esperando transporte de ambulância até agora e, se trocam até os vivos, que dirá os mortos, que não podem reclamar”.

Mauro Ferreira é arquiteto